



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,  
Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal francês Les Echos  
Publicada em 16 de junho de 2009**

**Jornalista:** Qual a importância desta reunião após as reuniões do G20 e os projetos de reforma da governança financeira internacional?

**Presidente:** A reunião de Ecaterimburgo é a primeira no nível de Chefes de Estado ou de Governo dos BRICs, e consagra uma realidade que já se verifica na prática: Brasil, Rússia, Índia e China têm estreitado seu diálogo não apenas em temas bilaterais, mas também no que se refere à necessidade de mudanças na ordem global. As instituições internacionais precisam responder aos desafios do mundo de hoje, mas, se quiserem ser eficazes nessa tarefa, têm de reconhecer o novo papel e a contribuição que cabem a países como os BRICs. As fórmulas do mundo de 1948 ou da Guerra Fria, ainda vigentes em várias dessas instituições, não são capazes de dar respostas adequadas à realidade atual, e o surgimento e amadurecimento de foros de diálogo como o dos BRICs demonstram que seus integrantes estão dispostos a assumir, no cenário internacional, responsabilidades novas e mais condizentes com seu peso no mundo. A participação dos BRICs na reunião do G20, em Londres, foi um exemplo dessa disposição, que, no caso brasileiro, foi complementada com o empréstimo de US\$ 10 bilhões feito pelo País ao Fundo Monetário Internacional (FMI), como parte do reforço de capitalização decidido na Cúpula do G20.

**Jornalista:** O que os BRICs podem fazer para ajudar a tirar a economia global do buraco?



**Presidente:** Além da participação ativa no debate em busca de saídas para a crise e de uma reforma no sistema de governança financeira global, em foros como o G20, os BRICs, graças ao bom desempenho relativo de suas economias, têm dado sua contribuição para que o mundo supere os efeitos de uma situação provocada pela ganância de especuladores e pela falta de controles e limites para essas operações especulativas. É bom lembrar que tudo isso ocorreu sob as bênçãos dos adoradores do mercado, que, ironicamente, foram os primeiros a correr atrás da proteção do Estado quando a crise mostrou sua verdadeira dimensão e bancos de investimento começaram a quebrar. Justamente o mesmo Estado que era apontado por eles como a fonte de todos os desperdícios.

Como disse, os chamados países emergentes vêm dando forte contribuição para atenuar os efeitos da recessão global, e estarão na linha de frente na retomada do crescimento. Cabe lembrar que, desde 2003, as economias do Brasil, Rússia, Índia e China foram responsáveis por 65% do crescimento mundial. No caso brasileiro, além de equilibrar as contas públicas e acumular reservas, também temos cumprido o dever do Estado de reduzir a desigualdade social, ao apoiar a inclusão das populações mais pobres, e de investir na infra-estrutura em todo o País, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento, que prevê investimentos de R\$ 646 bilhões até 2010.

Os resultados dessa forma de governar deram resultados extraordinários em termos de crescimento antes da crise, e combinados com medidas com vistas a restabelecer o crédito e restabelecer o consumo, têm ajudado o Brasil a enfrentá-la nos últimos meses. Como todos os países, fomos afetados pela turbulência global, mas os números da economia brasileira respaldam a minha afirmação de que fomos um dos últimos países a entrar na crise e seremos um dos primeiros a sair dela.



**Jornalista:** Qual a contribuição do Brasil no debate dentro dos BRICs e no âmbito global?

**Presidente:** O Brasil é reconhecido por sua história de atuação diplomática em defesa da paz e do multilateralismo e, no mundo em transformação acelerada em que vivemos, tem hoje como uma das prioridades de sua política externa a necessidade de reforma e de fortalecimento das instituições multilaterais, sejam as financeiras ou as políticas. Com os BRICs, buscamos oferecer uma alternativa em matéria de concertação política e de coordenação diplomática. Estamos seguros de que a consolidação do grupo vai contribuir para encontrarmos soluções mais eficazes para os desafios do mundo atual, marcado por profundas assimetrias nos processos decisórios e por novas fontes de instabilidade em vários âmbitos, do econômico-financeiro ao de segurança, do ambiental ao de saúde, para citarmos alguns exemplos.

**Jornalista:** Como a proposta de limitar o uso do dólar no intercâmbio comercial, como sugerido entre o Brasil e a China, pode ser implementado e aplicado também no comércio com a Índia e com a Rússia? Há planos concretos nesse sentido?

**Presidente:** A possibilidade de uso de moedas locais nas operações de comércio exterior já é uma realidade entre o Brasil e a Argentina. Mas é uma realidade que demandou muito trabalho de ambos os países, já que o assunto é muito complexo do ponto de vista técnico. Com isso, exportadores e importadores brasileiros e argentinos podem continuar operando com a moeda norte-americana, se quiserem, mas podem baratear suas operações ao adotarem o peso e o real, dispensando os custos da intermediação cambial pelo dólar. A experiência com a Argentina, um dos nossos maiores parceiros comerciais, mostra que esse mecanismo é viável. Por isso, propus



recentemente ao presidente chinês Hu Jintao que as autoridades de ambos os países iniciassem conversações para que tenhamos a possibilidade de adotar as moedas locais também no nosso intercâmbio comercial bilateral com a China, que em abril ocupou, pela primeira vez, a posição de nosso maior parceiro comercial.

Acredito que seja melhor construir essas alternativas por etapas, caso a caso, e neste momento estamos concentrados no início desse diálogo com os chineses, o que não exclui, no futuro, a possibilidade de avançarmos no assunto com os demais parceiros do BRICs e com outros países que venham a demonstrar interesse nesse mecanismo.

(\$31DHKM)